

A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral

Saint Augustine's presentness: a theological and pastoral perspective

Frei Luiz Antônio Pinheiro, OSA

Resumo

Este artigo pretende abordar a atualidade de Santo Agostinho a partir de uma perspectiva teológico-pastoral. O pensamento e a espiritualidade de Santo Agostinho (354-430) sobreviveram na cultura ocidental como uma das contribuições mais vigorosas do cristianismo e sua experiência de vida, bem como seu legado espiritual, filosófico e teológico trazem profundas intuições na busca de resposta às grandes questões dos homens e mulheres de todos os tempos. Sua conversão é um “evento hermenêutico” que se constitui como chave de leitura para a compreensão de sua vida e sua obra. Sua teologia foi-se construindo na sua experiência de pastor por mais de quarenta anos em Hipona (na atual Argélia), norte da África. Destaca-se aí sua contribuição como “pacifista”, com uma prática que foi tematizada tanto em suas obras formais como nas suas pregações e correspondência. A recente descoberta de novas cartas e sermões de Santo Agostinho revela um lado pouco conhecido do *Doctor Gratiae*. O aspecto político de seu pensamento, uma das abordagens mais atuais da pesquisa sobre suas obras, permite-nos uma aproximação ao tema da Campanha da Fraternidade de 2009, “Fraternidade e Segurança Pública”, lançada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Palavras-chave: Espiritualidade; Conversão; Jesus Cristo; Pastoral; Paz.

A atualidade de Santo Agostinho

Para ressaltar a atualidade de Santo Agostinho, basta recordar que, no Ocidente, depois da Bíblia, sua obra **Confissões** é a de maior tiragem editorial, e nem aparece entre os *best-sellers*, já é uma obra *hors con-*

Artigo recebido em 15 de dezembro de 2008 e aprovado para publicação em 13 de março de 2009.

* Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pelo *Institutum Patristicum Augustinianum*, Roma, professor de Teologia e História do Cristianismo na PUC Minas e Ista, e-mail: lapinheiro1@hotmail.com.

cours.¹ Do ponto de vista acadêmico, Santo Agostinho é o autor sobre o qual mais se escreve, entre teses doutorais, dissertações de mestrado, monografias, livros e artigos (Cf. FITZGERALD, 2001, p. 1181-91).

Agostinho é o Padre da Igreja mais citado nos documentos do Concílio Vaticano II. Encontra-se muito presente nos pronunciamentos oficiais dos últimos Papas, principalmente Paulo VI, João Paulo II e agora, Bento XVI, que se considera um “papa agostiniano”. No seu próprio brasão pontifical há uma alusão simbólica a Agostinho na imagem da concha, que remete à fábula do séc. XIII, referente ao diálogo entre o menino e o Hiponense, a respeito da Santíssima Trindade (Cf. BENTO XVI, 2005, p. 753). Sua primeira carta encíclica *Deus caritas est* tem uma explícita influência agostiniana, sobretudo na primeira parte. Confirmasse, assim, o adágio eclesiástico: “Não há banquete sem bom vinho, nem bom sermão sem Santo Agostinho!”

Numa época em que proliferam tendências e práticas religiosas e espirituais, muitas vezes desencarnadas e alienantes, sem consistência humana, teológica e eclesial, Agostinho, uma vez mais, nos oferece uma espiritualidade ancorada na genuína tradição da Igreja, convidando-nos a unir inteligência e coração na vivência, reflexão e contemplação das coisas da vida e da fé. Nesse sentido, um dos aspectos em que se mostra sua atualidade é a riqueza de sua “espiritualidade pensante”, que se manteve viva através de sua herança monástica e religiosa (Cf. SAN MARTÍN, 2008, p. 17).

Para ilustrar ainda sua atualidade, citemos outros dois exemplos: recentemente Santo Agostinho foi declarado “Patrono da África”, apontado como um eminente pensador que, tendo suas origens no solo africano, é proposto como um pensador de caráter universal, cujas intuições podem em muito colaborar no diálogo com as culturas, religiões e tendências do mundo moderno.

É muito curioso notar a evolução da imagem de Santo Agostinho no processo emancipatório da Argélia: dos finais do século XIX até a primeira metade do século XX era identificado como intelectual do imperialismo europeu e das forças reacionárias (um teólogo representante do imperialismo romano mais que do “nacionalismo” púnico) (Cf. BORG, 2005). Na segunda metade do século XX, o pensador norte-africano, principalmente a partir dos anos 1980, transforma-se num ícone

1. Há edições críticas de **Confissões** bilíngues em várias línguas modernas. Em português, a edição bilingue latim-português mais recente é a da tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria de Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

de “africanidade”, e mesmo um paladino da causa argelina, quase que ao ponto de ser identificado, anacronicamente, como um “argelino” (Cf. LANCEL, 2001). De toda forma, como grande filósofo, a memória de Agostinho conservou-se muito viva na África, principalmente entre os muçulmanos, sendo um ponto de convergência para o diálogo entre cristianismo, islamismo e modernidade (Cf. TEISSIER, 1991).

Uma advertência

Antes de desenvolver os tópicos propostos, apenas uma advertência inicial. Nosso mundo da contemporaneidade é marcado, entre outros aspectos, pelo “visual”. Nossa sensibilidade é marcada pela imagem; as pessoas cansam-se rapidamente com muitos discursos, o jovem tem dificuldade de acompanhar uma exposição mais detalhada dos argumentos, com análises mais sofisticadas.

É necessário esclarecer que a cultura de Agostinho é uma cultura da oralidade. Uma primeira aproximação aos autores antigos, sem um preparo inicial, pode ser decepcionante. Os textos são elaborados com refinadas técnicas de composição literária, obedecendo a normas retóricas específicas. Os textos são escritos para serem recitados e ouvidos (Cf. ONG, 1982, p. 37 *et seq.*). A reiteração, ou seja, a repetição de sons e ideias é uma característica dessa cultura da oralidade.

Por isso é difícil entendê-los, num primeiro momento: é necessário conhecer um pouco daquele universo, para então deixar-se iluminar pela “mentalidade fecundante” de suas obras e degustar a sua perene mensagem de humanidade. E, no caso concreto dos Santos Padres e, de Santo Agostinho, em especial, a maneira como eles fizeram de suas obras um meio para aprofundar a mensagem evangélica.

Uma aproximação biográfica: o significado de sua conversão

O que foi dos “grandes da época” de Agostinho? Quem já ouviu falar de Romaniano, Macedônio, Nectário, o Conde Bonifácio? O que se sabe deles hoje? Quem foram? Foram, respectivamente, o parente rico de Agostinho que custeou seus estudos secundários; o Vicário imperial para as Províncias do Norte da África, alto funcionário católico, amigo e afilhado espiritual de Agostinho; um importante funcionário pagão que recorreu a Agostinho solicitando sua mediação num grave conflito

e, por fim, o comandante responsável pela defesa de Hipona quando da invasão vandálica.

Sabemos de muitos personagens influentes dessa época graças ao próprio Agostinho, que lhes perpetuou a memória histórica, graças a seus escritos e, principalmente, sua correspondência. Com as facilidades da rede informática, realizando uma rápida pesquisa, podemos tomar contato com a riquíssima iconografia agostiniana ao longo dos séculos, uma marca prestigiosa de seu significado histórico em muitos artistas renomados, só para referendar essa reflexão.²

Peter Brown, nas conclusões do seu livro **Santo Agostinho, uma biografia**, faz uma reflexão interessante acerca da grandeza de alma desse homem ímpar, o qual, ao pressentir o fim da vida, decidiu fazer a revisão de suas obras, legando-nos de próprio punho uma edição crítica destas, através de sua obra **Retratações** (Cf. BROWN, 2005, p. 535-542). Agostinho tencionava fazer uma revisão crítica de suas cartas e sermões, o que infelizmente não teve tempo de fazer. Seu discípulo e amigo, São Possídio, bispo de Cálama, no final de sua **Vita Augustini**, traz um índice das obras, com a clara consciência do aparato crítico que transmitia à posteridade, colocando uma citação inusitada para um bispo cristão, ao referir-se a um poeta pagão: “Viajante, não sabes que o poeta pode viver além a sepultura? Aí estás e lês este verso: sou eu quem falo, portanto. Ao leres em voz alta esta obra, tua voz viva é a minha” (Cf. POSSÍDIO, 1997, Vita, XXXI, 8; Cf. BROWN, 2005, p. 545).

Por que a vida de Agostinho desperta tanto interesse?

Ainda como Prefeito para a Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, o então Cardeal Ratzinger manifestou seu apreço por Agostinho, falando da influência do Doutor da Graça em sua formação teológica, destacando, entre outras coisas: “Em Santo Agostinho o homem apaixonado, que sofre, que interroga, está sempre presente, e cada pessoa pode identificar-se com ele” (Cf. RATZINGER, 2005, p. 50).

Além do vigor intelectual, filosófico e teológico que encontramos em Agostinho, chama a atenção, em primeiríssimo lugar, o seu testemunho de humanidade, o seu processo de conversão, o seu caminho espiritual. Agostinho, com suas **Confissões**, inventou o gênero literário da autobiografia. Existiam as biografias: nas várias culturas, o gênero laudatório da literatura latina, a hagiografia cristã. Ninguém no mundo antigo falou tanto de si, em primeira pessoa, como Agos-

2. Cf. por exemplo: <http://www.augustinus.it/iconografia/index.htm>

tinho. De longe, ele é o autor que mais nos abriu seu íntimo, falando inclusive de sua afetividade e de sua sexualidade. Ninguém falou de si mesmo com tamanha sinceridade e autocrítica como ele.

Muitas têm sido as chaves de leitura das **Confissões**: espiritual, filosófica, teológica, bíblico-exegética, psicológica... Recentemente, uma série de especialistas tem realizado uma leitura “política” dessa e de outras obras de Santo Agostinho (Cf. ATKINS; DODARO, 2001). Robert Dodaro destaca como Agostinho faz uma leitura extremamente crítica de seu processo educacional e da retórica como *mass-media* de sua época, ampliando, depois, na monumental **Cidade de Deus** a análise da história do Império Romano, aperfeiçoando sua crítica ao “sistema educacional”, ao centro do poder e à aristocracia, bem como ao funcionamento de sua *forma mentis*, para apresentar a proposta cristã de um “novo cidadão”, pautado nos valores evangélicos e numa conduta ética, em processo de contínuo aperfeiçoamento.

Enfatizo essa dimensão porque ela nos permite realizar uma aproximação com o tema da Campanha da Fraternidade de 2009, “Fraternidade e segurança pública”, lançada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o lema: “A paz é fruto da justiça”. A verdadeira segurança humana, que se manifesta nas relações humanas e se concretiza nas estruturas e dinâmicas sociais, se constrói a partir das opções fundamentais do coração humano. Agostinho investigou profundamente a situação abissal de seu próprio coração. Nas **Confissões** ele narra seu processo existencial e como se deu sua conversão (Conf. VIII). Estão em jogo duas tendências: o amor centrado em si mesmo e o amor desinteressado: *amor sui* e *amor Dei*, tema desenvolvido na dimensão social e cósmica na **Cidade de Deus** (cf. *De civ. Dei*, XIV, 28).

Agostinho foi um “carreirista” de primeira. Ao subir socialmente como retórico, conquistou o mais alto patamar da fama, da riqueza e do respeito dos altos dignitários imperiais: de fato, chegou a ser *praeceptor*, ou seja, responsável pela educação dos membros da casa imperial. E ambicionava mais, quem sabe até a administração de uma província dentro do Império. Passara por diversas seitas e correntes filosóficas: maniqueus, acadêmicos, neoplatônicos. No entanto, sentia-se vazio, insatisfeito, com uma vida movimentada, mas sem sentido real e autêntico.

O episódio do jardim de Milão, com a leitura de um trecho da Carta de Paulo aos Romanos, desencadeou nele um novo processo:

Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne (Rm 13,13-14). Não quis ler mais, nem era necessário. Mal terminara a leitura dessa frase, dissiparam-se em mim todas as trevas da dúvida, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza. (**Conf.** VIII,12,29) (Cf. OROZ, 1992, p. 153-166)

Normalmente as considerações centram-se no elemento negativo, na renúncia à vida passada, deixando de focar o elemento positivo, o que lhe deu, verdadeiramente, uma nova luz. É necessário compreender todo o resto da vida de Agostinho, a partir desse novo centro: “Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo!” Aqui está o núcleo da espiritualidade agostiniana: Jesus Cristo é o *locus theologicus* da experiência de Deus que se revela como amor e da experiência do ser humano, que se descobre como criado por amor, pelo amor e para o amor. Para chegar ao conhecimento de Deus e também ao conhecimento de quem é o ser humano, é necessário encontrar-se com o Filho de Deus feito Homem: Cristo é Pátria e Caminho para a Humanidade – Caminho como Homem, Pátria como Deus (Cf. VAN BAVEL, 1954; cf. MADEC, 1989 ; cf. SIERRA, 1997).

O Documento de Aparecida destacou que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA, 12). É isso que aconteceu com os grandes homens e mulheres da Igreja, com o próprio Agostinho: seu encontro com Jesus Cristo deu-lhe um novo norte. Sua conversão mudou sua forma de pensar, de sentir e de agir. Por isso, sua conversão, que não pode ser vista como um episódio isolado, deve ser entendida como um “evento hermenêutico”, que se constitui como chave de leitura de sua vida e sua obra.

Mas essa não foi a única conversão de Agostinho. O exame de autocrítica iniciado nas **Confissões**, a revisão da primeira etapa de sua vida diante de Deus continuou até o fim, como assinalo ao tocar no significado de suas **Retratações**. Após a conversão de Agostinho de filósofo para cristão filósofo temos a conversão do cristão filósofo para o Agostinho pastor junto do povo simples, com o qual ele conviveu por mais de quarenta anos. A mudança do “nome gentilício”, de Aurélio Agostinho para Agostinho de Hipona (*Aurelius Augustinus - Augustinus Hipponensis*), evoca programaticamente essa segunda conversão, motivada pelo ofício de pastor que teve de assumir na Igreja Africana.

Uma aproximação pastoral: o pacifismo de Santo Agostinho

As obras formais de Agostinho dão-nos uma visão de sua longa prática pastoral. Muitas foram as interpretações posteriores, que constituíram, entre outras, o chamado “agostinismo medieval” que, sob vários aspectos, não foi fiel ao próprio Agostinho. No entanto, é a partir de suas cartas e sermões que nós o conhecemos melhor como pastor.

Na obra **O sal da terra**, o Cardeal Ratzinger resumiu a atividade pastoral do Bispo Africano como um trabalho pela paz, especificando o conteúdo dessa paz: “A paz de Cristo, o Evangelho” (Cf. RATZINGER, 2005, p. 50).

Toda a atividade pastoral de Santo Agostinho foi um trabalho em favor da paz. Ele mesmo dizia: “Não basta desejar a paz, é necessário ser construtor da paz”. Em suas obras, principalmente nos sermões, comentários e cartas, conhecemos de seu próprio testemunho, suas atividades de pacifista *ante litteram*.

Após o Edito de Milão, Constantino concedeu, entre outras prerrogativas, o direito de os bispos julgarem não apenas questões religiosas do interno da Igreja com efeitos civis, mas inclusive questões civis no tribunal da Igreja. Tratava-se da *audientia episcopalis*. Normalmente o povo preferia recorrer aos tribunais da Igreja, pois encontrava nos bispos mais justiça que nos magistrados do Império. Agostinho relata muitas vezes essa sua experiência, fazendo uma crítica pormenorizada da situação dos tribunais de sua época. Até aqui, as obras formais e até mesmo as cartas e sermões conhecidos confirmam uma visão tradicional mais ou menos conhecida da prática de Agostinho (Cf. BOFF, 1983, p. 292-318).

Em 1975, Joahannes Divjak descobriu um manuscrito na Biblioteca Municipal de Marselha que continha uma coleção de cartas agostinianas, às quais foram acrescentadas 29 outras que a crítica revelou serem autênticas (destas, 27 eram até então desconhecidas). Em 1990, François Dolbeau, por sua vez, descobriu na Biblioteca Municipal de Mainz, numa coleção de sermões de Agostinho, uma nova série de 26 sermões desconhecidos.

Segundo Peter Brown,

a característica que fizera essas cartas e sermões específicos circularem com tanta morosidade na Idade Média foi precisamente aquela que as tornou tão cativantes para nós – sua persistente circunstancia-

lidade. As cartas e sermões trazem em si os sons de uma África setentrional que se tornara silenciosa como uma cidade inundada para os que leram e copiaram na Europa setentrional da Idade Média. Muitas das cartas falam, de maneira aparentemente interminável, de incidentes ocorridos em fazendas e aldeias de modos estranhos, nas quais se falava ainda o púnico. (Cf. BROWN, 1983, p. 548)

O “pacifismo” de Agostinho deve ser visto a partir de sua atividade eclesial e pastoral, como uma forma de evangelização. Em seu epistolário, podemos destacar principalmente sua correspondência com Macedônio e Nectário, entre outros (Cf. DODARO, 2004, p. 145-170).

Macedônio era Vicário imperial para a África (católico, tendo Agostinho como amigo e pai espiritual). Agostinho, em nome de alguns bispos da África, fez uma solicitação para Macedônio intervir a favor dos condenados sentenciados com a pena de morte. Como resposta, Macedônio lembrava que os bispos não deveriam intervir nesses casos, pois não têm nada a ver com a religião. Agostinho retruca argumentando sobre a sociedade que funciona com leis e penas; é necessária a pregação do Evangelho contra os excessos de crueldade, que provocariam mais injustiças, impedindo a reforma dos criminosos. Os bispos têm razão em intervirem.

Agostinho mostra-se extremamente crítico com relação à política de sua época, fazendo, de certa maneira, uma distinção entre uma “crítica política” e uma “dissidência política”. A “crítica política” de Agostinho não visa necessariamente à intervenção e ação. A “dissidência política” seria uma manifesta violência contra oficiais públicos ou o Estado. É necessário, nesse contexto, compreender a teologia agostiniana subjacente: a autoridade civil não tem o poder por si mesma; há uma ordem divina atrás da autoridade civil. A autoridade legitimamente constituída deve ser respeitada e obedecida (cf. Rom 13). No entanto, é possível uma “desobediência civil” nos casos em que a autoridade ordenar algo contra a lei divina (o exemplo mais claro nesses casos é o dos Mártires).

Se os cristãos querem verdadeiramente criar uma sociedade mais justa, devem primeiramente renunciar ao desejo de ser como seus inimigos, renunciando ao uso da violência. No Sermão 302, Festa de S. Lourenço, Agostinho prega contra o linchamento de um oficial imperial que havia se envolvido em negócios excusos no porto local. Agostinho analisa sempre o que vai na alma humana, o problema de fundo: a inveja dos cristãos os transforma em corruptos como os demais.

É necessário recordar, uma vez mais, as opressivas condições sociais e políticas do tardo Império Romano. A interferência agostiniana

se dá principalmente através de uma análise realista das situações desse mundo concreto no qual vive, tratando temas tais como: pena capital, justiça social, escravidão, direito de asilo, outros direitos previstos pela lei. Por exemplo, na carta ao Procônsul Donato, pede para evitar a pena capital no caso dos Donatistas, acusados de assassinato. A orientação de Agostinho: os católicos não irão cooperar com a política imperial, pois isso acirraria a violência e criaria novos mártires donatistas. Uma carta ao novo Procônsul Apríngio ia na mesma linha.

A Epístola 302 revela uma posição programática de Agostinho: a resistência não violenta aparece como o único meio seguro e eficaz para reformar a injustiça e as pessoas e políticas violentas. As cartas a Flávio Marcelino e Nectário, autoridades imperiais, expressam a oposição de Agostinho à prática da tortura, muito usada no interrogatório dos suspeitos e castigo dos criminosos.

Com relação à questão da escravidão, temos numerosos testemunhos da interferência dos bispos africanos para limitar seu crescimento e mitigar os efeitos daninhos. Em Hipona ficaram famosos os casos de libertação de escravos com tesouros da Igreja. Em certa ocasião, durante uma ausência de Agostinho, os fiéis, conhecendo seu pensamento, procederam à libertação dos cem escravos num barco atracado em Hipona.

Noutra ocasião, aproveitando a ida de Alípio à corte do imperador, Agostinho fez-lhe chegar um *memorandum* com a finalidade de dar maior publicidade e reforço das leis antirrapto e denúncia da venda de pessoas como escravos, com o pedido de redução das penas para evitar a pena capital aos criminosos. Em outra ocasião ainda, o encontramos solicitando o aconselhamento de Eustóquio, um perito em leis, relatando o caso da venda temporal dos filhos como escravos por parte de seus próprios pais. Em vários concílios norte-africanos, Agostinho conseguiu o apoio dos bispos para que fosse aplicada a lei imperial que previa a existência de um *defensor civitatis* (o defensor público) nas cidades do Império.

Esses são exemplos de algumas ações movidas por Agostinho a partir de sua experiência como bispo, pastor e juiz. São numerosos os casos que lhe chegavam ao tribunal eclesiástico, ocupando-lhe o precioso tempo com o estudo das intrincadas leis imperiais, para defender e orientar os pobres e humildes: casos de propriedade, herança, contratos e até mesmo querelas de família e disputas matrimoniais.

O Livro XIX da “Cidade de Deus”: um tratado sobre a paz

Já acenamos várias vezes como Agostinho, nas **Confissões**, fizera uma crítica contra a retórica a serviço de uma política fraudulenta: suas técnicas persuasivas, para ensinar os alunos a enganar e a ganhar fama, dinheiro e prestígio profissionalmente e como ele se deixara enredar por esse “sistema educacional”.

Na **Cidade de Deus** ele vai ampliar a sua análise, investigando a fundo as causas que levaram à derrocada do Império Romano. Nos livros I a IV, por exemplo, ele analisa a história dos “heróis pátrios” e do processo de “endeusamento” dos imperadores, mostrando as bases do imperialismo romano, fundado sobre o medo. A *libido dominandi* que levava à exaltação das “virtudes heróicas” dos grandes de Roma, no fundo, mascarava um medo mais profundo, não reconhecido, o “medo da morte”. Daí a constituição de uma moral baseada na mentira, na dificuldade de reconhecer a fragilidade humana e no desejo de perpetuar a memória pessoal e do Império nas suas grandes obras e conquistas.

A esse “modelo de cidadania” baseado na mentira e na corrupção, Agostinho propõe o modelo de uma “nova cidadania”, baseada na verdade, no reconhecimento das próprias culpas e no destemor frente ao mundo que passa e à morte, protagonizado pelos apóstolos e mártires.

O tempo não nos permite aprofundar esses aspectos muito interessantes da fina análise de Agostinho. No entanto, não poderia deixar de considerar aqui, ao menos de passagem, a importância do livro XIX da **Cidade de Deus**, no qual ele elabora um autêntico tratado das relações humanas e sobre a paz, reinterpretando a partir do Evangelho o significado de uma verdadeira *res publica*: não haverá autêntica “coisa do povo”, que equilibre de fato os interesses sociais em favor do bem comum, se esta não for fundada sobre a justiça, com um contínuo aperfeiçoamento das leis. Ele estabelece a correlação entre dignidade moral e autêntica religiosidade, discorrendo sobre a importância da formação moral dos cidadãos, pautada sobre a verdade, a honestidade e o contínuo aperfeiçoamento moral.

Conclusão

Já é hora de concluir. Quero reportar alguns pensamentos de Agostinho, para ilustrar sua contínua preocupação com a coerência entre o que se pensa, o que se professa como fé e o que se deve viver.

Recordem o que vocês são e aquilo no qual devem perseverar... Sejam luz... fujam das trevas.... Se alguém nasceu, onde está a nova fé? Se alguém é fiel, onde está a fé? Escuto o nome (cristão); quero então ver a prova disso! (...) Que o coração de vocês não diga: mas onde vamos achar esses tais (bons cristãos)? Sejam vocês tais e vocês encontrarão esses tais... Comece você a viver bem e verá quantos companheiros terá ao seu lado, e de quanta fraternidade poderá se alegrar. Se, no pior dos casos você não encontrar a quem imitar, seja este tal, para que um outro possa imitar você! (Sermão 228,2)

A Filosofia, a Teologia e as Ciências da Religião, estudadas, ensinadas e aprofundadas numa Pontifícia Universidade Católica, têm a nobre tarefa, entre outros aspectos, de ser uma ponte, um canal de diálogo entre a fé e a ciência, o evangelho e a cultura, a vida e a episteme, a sociedade e a academia. Santo Agostinho fez, no mundo tardo-antigo, a mais vigorosa síntese desse processo iniciado pelo Apóstolo Paulo. João Paulo II insistiu sobejamente sobre essa tarefa em sua encíclica *Fides et Ratio*: os títulos e conteúdos dos capítulos 2 e 3 são inspirados na famosa máxima agostiniana: “Creio para entender, entendo para crer” (*credo ut intelligam, intelligo ut credam*).

“A fé busca, a inteligência encontra; por isso, assim diz o Profeta: se não crerdes, não entenderéis (Is 7,9 LXX). Por outro lado, a inteligência continua procurando Aquele que encontrou... Portanto, por isso é que o homem deve ser inteligente, para buscar Deus” (De *Trinitate*, XV, 22).

Abstract

This article aims at demonstrating the presentness of Saint Augustine's theological and pastoral work. The thoughts and spirituality of Saint Augustine (354-430) have survived in the history of western culture as one of the most vigorous contributions of Christianity. His life experience, as well as his spiritual, philosophical and theological legacies, have had a continuous influence on the search for answers to questions affecting men and women of all times. Augustine's conversion is considered “a hermeneutic event” and a key to a deep understanding of his life and works. He devoted himself to the practices of priesthood for more than forty years in Hippo (currently Algeria, in North Africa). He is considered a “pacifist”, a feature of his formal works as well as of his sermons and letters. New letters and sermons have been recently found, revealing an unknown side of *Doctor Gratiae*. Nowadays, the political aspect of his thought attracts most researchers of his works, which allows a closer view of the 2009 Fraternity Campaign theme “Fraternity and Public Security”, launched by the *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* - CNBB (Brazilian Bishops National Conference).

Key words: Spirituality; Conversion; Jesus Christ; Pastoral; Peace.

Referências

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- ATKINS, E. M.; DODARO, R. J. (Ed.). **Augustine**: political writings. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BENTO XVI, Papa. **Acta Apostolicae Sedis**, Roma, v. 97, n. 5, p. 753, mai. 2005.
- BOFF, Clodovis M. Santo Agostinho de Hipona e a pastoral da libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira** (REB), Petrópolis, v. 43, n. 170, p. 292-318, 1983.
- BORG, Lucian. Vivere in una Algeria musulmana come Agostiniano: l'esperienza d'una vita dialogale. In: SIMPÓSIO DE RELEITURA DO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO A PARTIR DA AMÉRICA LATINA: Fundamentalismo e Fundamentalismos, 7, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Organización de Augustinos de América Latina, 2005.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DODARO, Robert. San Agustín activista político. In: CONGRESO AGUSTINIANO DE TEOLOGIA. **San Agustín, un hombre para hoy** (1650 aniversario del nacimiento de San Agustín: Buenos Aires, 26 a 28.8.2004). Tomo I. Buenos Aires: Religión y Cultura, 2006, p. 145-170.
- FITZGERALD, Allan. El estudio de San Agustín hoy. **Revista Agustiniiana**, Madrid, v. 42, n. 129, p. 1181-91, 2001.
- LANCEL, Serge. Entre africanité et romanité: le chemin d'Augustin vers l'universel. In: **Le Premier Colloque Internationale sur le philosophe algérien Augustin**. Annaba-Alger: [s.n], 2001.
- MADEC, Goulven. **La patrie et la voie**: le Christ dans la vie et la pensée de Saint Augustin, Paris: Desclée, 1989.
- MARTIN, Thomas F. **Nuestro corazón inquieto**: la tradición agustiniana. Madrid: Religión y Cultura, 2008. (Tradere, 5)
- OROZ RETA, José. Iluminación, gracia y conversión. **Revista Agustiniiana**, Madrid, v. 23, n. 100, p. 153-166, 1992.
- POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 1997.
- RATZINGER, J. **O sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- SAN MARTÍN, Luis Marin de. Prólogo. In: MARTIN, Thomas F. **Nuestro corazón inquieto**: la tradición agustiniana. Madrid: Religión y Cultura, 2008. (Tradere, 5)
- SIERRA, Santiago. **Patria y camino**. Madrid: Religión y Cultura, 1997.
- TEISSIER, Henri *et al.* **La chiesa nell'Africa del Nord**: da Tertulliano, Cipriano e Agostino all'attuale oceano islamico. Milano: Paoline, 1991.
- VAN BAVEL, Tarcisius J. **Recherches sur la christologie de Saint Augustin**: l'humain et le divin dans le Christ d'après Saint Augustin. Fribourg-Suisse: Universitaires, 1954. (Paradosis)